

O Texto na Construção de um Novo Paradigma Para o Design: a Experiência da Universidade Fumec de Belo Horizonte, MG

The role of the text in the construction of a new methodological paradigm to Design Research: the experience of Universidade Fumec (Belo Horizonte, Brasil)

Fonseca, Mário Geraldo; Mestre em Teoria da Literatura; Universidade FUMEC
mgeraldof@gmail.com

Resumo

O artigo reflete sobre a relação entre metodologia científica e metodologia projetual para defender uma nova abordagem metodológico para o ensino do Design. Para isso, toma como ponto de partida a experiência de construção textual de alunos que estão concluindo o curso de Design Gráfico da Universidade Fumec (BH-MG).

Palavras chave: texto, metodologia científica, metodologia projetual

Abstract

This article discusses the relationship between scientific methodology in order to justify and project methodology and justifies a new methodological approach to teaching Design. As a starting point, it takes the experience in the text construction by students who are finishing Graphic Design Undergraduated Course, in Universidade Fumec (Belo Horizonte, Brasil).

Keywords: text, scientific methodology, project methodology

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

O objeto da avaliação deste artigo é apenas os alunos que estão desenvolvendo o chamado TFG (Trabalho de Final de Graduação) do curso de Design Gráfico da Universidade Fumec, como parte do qual devem escrever um texto. Neste caso, o aluno é convocado a ser o autor do seu próprio texto. Uma questão que parece tautológica, mas que, na verdade, atesta um drama sempre mais explícito particularmente nos cursos, como é o caso em questão, em que o estudante tem uma prática escassa de confecção textual. Acreditamos que muito deste “drama” advém da maneira como eles conseguem *perceber* o trabalho com o texto. Ficamos atentos para esta questão a partir da leitura do artigo de Luiz Antônio Coelho justamente chamado “Percebendo o Método” (1999). Tanto é que na nossa universidade, até pouco tempo, a construção do texto de TFG ficava quase que exclusivamente ligada às matérias associadas ao ensino de metodologia em geral e metodologia em Design de forma específica. Tentando encontrar uma maneira de enfrentar melhor o problema, deslocamos a matéria *Metodologia Científica*, que era lecionada no sétimo período, para o início do curso e, para substituí-la, colocamos uma disciplina que tem como objetivo dar uma atenção particularizada ao texto. Este deslocamento, porém, colocou uma questão mais ampla, que nos fez perguntar os motivos pelos quais o ensino de *Metodologia Científica* não estava contribuindo para que os alunos pudessem, de fato, fazer uma reflexão da própria pesquisa e, assim, desenvolver elementos para a construção do texto. Na avaliação de Luiz Antônio, que tomou como referência as universidades onde leciona (PUC-Rio e Universidade Federal Fluminense em Niterói), os cursos de Design privilegiam o chamado “método projetual”(1999:33). Ele critica esta adoção, argumentando que o referido método até consegue ajudar o aluno na construção de um produto, mas dificulta a sua percepção para um sentido mais amplo do que vem a ser os procedimentos ditos científicos da pesquisa. Desta forma, na sua visão, o aluno é quase que “adestrado” a ter uma prática da qual, na verdade, desconhece (ou não percebe) os seus fundamentos teóricos. De fato, a nossa experiência na Fumec tem demonstrado que a maneira como os alunos percebem o ensino de metodologia pode ser comparado à aplicação de um conjunto de regras, normas e formatações que geralmente não preserva nem alimenta o que muitos deles só sabem expressar como uma inquietação geralmente associado ao processo criativo. Por isso a pergunta: como ensinar uma *Metodologia Científica* que realmente leve em conta aquela inquietação do aluno? Não é o caso de entrar nesta complexa discussão, mas convém assinalar que muitos autores, como Boaventura de Souza Santos¹, tocam exatamente no aspecto que, a nosso ver, introduz o problema da criatividade na pesquisa científica. Para tanto, insisto em dizer que não estou me referindo ao que alguns designers chamam de “processo criativo”, que envolve uma série de procedimentos, alguns até contrários ao que o senso comum considera como “criativo” ao ligar o termo a uma espécie de “ inspiração” ou “ genialidade”. Quando falo em “criativo”, fazendo alusão àqueles que estão discutindo uma teoria contemporânea do conhecimento, refiro-me a uma condução metodológica que recoloca a figura do sujeito da pesquisa em uma posição diferente daquela que uma certa concepção racionalista de ciência consagrou. A crítica deste paradigma objetivista está sendo desenvolvida em muitos campos do conhecimento, mas está custando a chegar nas escolas de Design. Talvez isso ainda esteja

¹ O livro que nos tem ajuda a entender o assunto é *Introdução a uma ciência pós-moderna* (1989)

ocorrendo porque a prevalência de um certo “objetivismo” reforça o ranço da influência das escolas funcionalistas, que, em certo momento, foram fundamentais para a legitimação do Design como área acadêmica, mas que, agora, ficaram minadas pela crise que obriga a ciência a repensar seus métodos. Logo, entro em sintonia com os professores de metodologia nos cursos de Design comprometidos em promover o diálogo entre o chamado método científico com o que se convencionou a chamar de método projetual.

Acredito que o ensino da produção de texto é uma boa ferramenta para promover o diálogo entre os métodos científico e projetual. E aqui lembro o que alguns amigos de Oscar Niemeyer dizem a respeito do cuidado que ele dispensa ao texto no contexto dos seus projetos. Conta-se que o arquiteto só fica tranqüilo depois que consegue escrever sobre o que projetou. Caso isso não ocorra, ele chega até a refazer todo o projeto. Isso para dizer que, neste caso, o texto tornou-se a prova dos nove para saber se o projeto realmente está bem feito (que quer dizer também: bem pensado!) Mas, quem conhece o processo criativo de Niemeyer sabe que ele à medida que desenha também escreve. Estes exemplos funcionam como uma maneira de enfatizar a importância do trabalho textual como forma de articular uma relação mais ampla, aquela entre teoria e prática. Para explicar melhor, faço sempre a relação a partir do que muitos autores dizem a respeito da especificidade do Design: de que este é projeto. Se é assim, pode-se deduzir o seguinte: projeto é método; e método? É ciência. Para fazer a relação design- projeto-método-ciência uso alguns conceitos de Aristóteles, como, por exemplo, o de *tékne*. Assim, aproveito para falar da chamada Teoria das Quatro Causas, desenvolvidas pelo filósofo grego na *Física* e retomada na *Metafísica*. Aqui, não teria espaço para desenvolver toda a riqueza que algumas postulações aristotélicas têm contribuído para recolocar a questão do método na pesquisa em Design², mas, no que concerne à importância do texto, lembro o que Aristóteles defende a respeito do conhecimento. Ele, como bom grego, se pergunta o que é conhecer. Para ele, conhecer é saber as “causas” de um coisa ser o que ela é. E a indagação das causas começa por aquilo que é possível “ver” na coisa, na sua, diríamos modernamente, aparência, naquilo que ela tem a mostrar. Este acento no “haver” é um tom bem aristotélico à grande questão marcadamente grega sobre o ser. Se pegarmos o exemplo de uma escultura de mármore diríamos que a primeira causa que Aristóteles levaria em consideração é a *material*, no caso, o mármore. Mas, se tomasse este exemplo, provavelmente a pergunta seguinte de Aristóteles seria a respeito de um outro elemento que se vê na estátua de mármore: a figura, que ele chama de *causa formal*. Mas, perguntaria Aristóteles, será que o “ser” da estátua se esgotaria simplesmente naquilo que se vê de maneira mais imediata, como o mármore e a figura?. Será que para o escultor compor a obra, ele não teve que usar, por exemplo, alguns instrumentos que, embora não sejam “vistos”, foram absolutamente necessários para dar vida à obra? Logo, Aristóteles defenderia que, além da matéria e da forma, no ser da escultura também existe uma *causa eficiente*, que diz respeito, por exemplo, aos instrumentos (talha, formão etc) que o artista recorreu para compor a escultura. Mas, para que a figura viesse a comunicar o que o escultor pretendia dizer, este teve que obedecer a uma *idéia* que, inicialmente, estava

² Cf. o artigo “Tékne e design: uma relação entre o conceito aristotélico de arte e o conceito contemporâneo de design”, de Carlos Alberto Barbosa, no livro *Faces do Design*, da editora Rosari

apenas na intenção, mas que, aos poucos, foi tomando forma. Esta intencionalidade Aristóteles chama de *causa final*, talvez a mais importante para o seu espírito grego obcecado pelo conhecimento. Mas, a intenção do escultor, porém, não aparece imediatamente ao olhar de quem se depara com a estátua. Muitas vezes isso só é possível começar a entender depois que o observador sabe do nome que o escultor deu para a obra. Sabemos que o nome é, porém, apenas uma pista para tentar cogitar a causa final. Esta, segundo Aristóteles, vai ter sempre um quê de desconhecido, que indica uma dimensão que vai além do que se pode “ver”, da sua, diríamos, *física*, pois ela é também *metafísica*. Sobre o que Aristóteles entende por esta última palavra, é um debate que dura até hoje. Mas, no que diz respeito ao recurso de usar as palavras do filósofo para mostrar a importância do texto para a articulação entre teoria e prática no Design, repito para os alunos que, o texto, mais do que o produto gráfico propriamente dito, pode falar de elementos que entram no projeto que o próprio produto não o faria de forma assim tão clara. Isso porque o texto pretende falar do processo que culminou com o objeto físico que deve ser mostrado na banca. No caso da escultura, o fato de explicar que o mármore foi talhado com um determinado instrumento pode ser uma boa fonte de revelação para entender o que é a própria escultura. Neste caso, a técnica mostra que sem ela não seria possível esculpir, ou seja, criar uma poética. Para falar que, no que diz respeito ao processo criativo, entre técnica e poética existe uma relação muito estreita, Aristóteles usou o conceito de *tékne*, que lhe permitiu mostrar que os procedimentos muito práticos que levam a construção de um objeto só existe se ele for guiado por uma, diríamos, idéia ou intenção (um conceito, na linguagem do design). Logo, a construção do texto, no qual os alunos devem encontrar palavras para explicar o que na prática eles até já sabem fazer (e alguns com admirável habilidade) tem gerado uma postura que, no mínimo, desperta um interesse em saber porque eles, que sempre desconfiam de nada saber, na verdade só não sabem que sabem.

Metodologia para a produção desse artigo:

Pretendeu-se deixar claro pela experiência narrada acima que a sala de aula, particularmente aquelas ocupadas pelas turmas do sétimo e oitavo períodos do curso de Design Gráfico da Universidade Fumec de BH, é o palco privilegiado para experimentar uma nova metodologia no ensino da teoria e prática no Design. Para fazer um acompanhamento teórico das experiências em sala, estas são analisadas por um grupo de pesquisa composto por alunos e professores interessados em encontrar algumas saídas para o aprimoramento do curso. Para completar a discussão, leva-se o conteúdo dos encontros para uma conversa com a coordenação do curso de Design Gráfico. Assim, o tripé aluno-professor-coordenação possibilita uma visão geral do problema.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (col. Os Pensadores, v.IV)

_____. *Metafísica*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (col. Os Pensadores, v.IV)

BARBOSA, Carlos Alberto “Tékne e design: uma relação entre o conceito aristotélico de arte e o conceito contemporâneo de design”. In: *Faces do Design* (vários autores). São Paulo: Edições Rosari, 2003, pp 49-62

COELHO, Luiz Antônio. “ Percebendo o Método”. In: COUTO, Rita e OLIVEIRA, Alfredo (orgs.). *Formas do Design*. Rio de Janeiro: 2AB e Departamento de Design da PUC-Rio, 1999, pp 28-51

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989